

Retratos falados das trabalhadoras sexuais de Coxim

Marcos Lourenço de Amorim¹
Francisca Gilliane Alencar Dias²

Resumo: Este artigo discute aspectos sociais e humanos do fenômeno da prostituição adulta de mulheres na zona de baixo meretrício do município de Coxim, estado de Mato Grosso do Sul, conhecida como “Rua da Ponte”. Discute a prostituição e a situação sócio-econômica em que vivem essas mulheres, dá voz a essas trabalhadoras do mercado sexual e mostra retratos do cotidiano, relações profissionais e afetivas de mulheres estereotipadas com a condição de prostitutas.

Palavras-chave: Coxim; prostituição; memória; gênero.

Abstract: This article discusses human and social aspects of the phenomenon of prostitution of adult women in the low meretricious of Coxim, a municipality in the state of Mato Grosso do Sul, known as “Bridge Street”. Discusses with prostitution and socio-economic situation in which these women live, but mainly gives voice to those working in the market and shows sexual pictures daily life, professional relationships and emotional stereotype of women with the condition of prostitutes.

Keywords: Coxim; prostitution; memory; gender.

¹ Professor assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do sul, *campus* de Coxim.

² Graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul UFMS, *campus* de Coxim.



Recentemente, a fim de escrever este artigo, estivemos revendo as entrevistas que fizemos para o desenvolvimento de uma pesquisa sobre as trabalhadoras sexuais no município de Coxim (DIAS, 2009). A cidade está localizada ao norte do estado do Mato Grosso do Sul, tem uma população de 33.408 habitantes (IBGE 2006) e a fama de ser a capital do peixe; além disso, é ainda um pólo econômico e turístico da região.

Cidade de tradições mistas, (HOBSBAWM, & RANGER, 1998) que recebeu elementos culturais de diversas regiões brasileiras: da sulista à nordestina, Coxim surge como uma opção de lazer para turistas do Brasil e exterior que estão em busca de um lugar sereno que possa oferecer tanto uma estrutura de bons serviços referente à atividade da pesca, como de lugares próximos a natureza sem deixar de usufruir de conforto e requinte.

Com esses atrativos, Coxim se torna um ambiente que possibilita o mercado sexual que, articulado ou não, serve aos turistas das várias regiões do Brasil e demais países que aqui vêm à procura de distração.

A pesquisa de campo que deu voz a mulheres em situação de prostituição foi realizada na zona de baixo meretrício em Coxim, localizada na área urbana denominada Rua da Ponte. Fizemos cinco visitas nos horários, das 16 h e 21 h colhendo informações por meio de entrevistas gravadas com mulheres que se assumiram como trabalhadoras sexuais. As entrevistas foram conduzidas em conversa informal com a ajuda de um questionário previamente formulado e um aparelho de mp3.³

³ Optamos neste artigo em não usar pseudônimos para identificar as entrevistadas nos aproximando da proposta do Discurso do Sujeito Coletivo. (Lefevre & Lefevre, 2003, p. 517) sem perder de vista o método etnográfico (Geertz, 1997).

O interesse deste artigo em analisar o teor das entrevistas é uma tentativa de mostrar que “a história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais, ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas”. (VIEIRA, 1991, p. 12). Recuperar a história dessas mulheres deve ir além dos objetivos acadêmicos da teorização para se tornar instrumento de transformação social. (FERREIRA, 2002. p. 327).

As falas das trabalhadoras sexuais são explicadas a partir da teoria do sociólogo canadense Erving Goffman que tratou do estigma, analisando indivíduos que não se enquadram aos padrões normatizadores da sociedade. Goffman tratou como estigmatizados indivíduos que apresentam deformações físicas, psíquicas ou de caráter, que no geral portam características distintas das tidas como normais pelo restante dos indivíduos; definição esta que, segundo o sociólogo, as trabalhadoras sexuais são enquadradas. (GOFFMAN, 1984. p. 121).

Quanto as limitações da análise dessas falas “olhamos” para elas como se fossem um “retrato falado” (NOVAES, 2007) desenhado por mim para “identificar” sujeitos sociais que atuam nesse mercado considerado marginal. Depois pensamos que as falas das entrevistadas poderiam ainda ser consideradas como “auto-retratos” dessas mulheres de profissão estigmatizada. (GOFFMAN, 1984).

Seguindo essa metáfora traçaremos alguns “retratos” dessas mulheres: a situação social em que elas vivem, o que pensam do casamento e da família, como vêm os clientes, os seus sonhos e medos. Portanto, se o leitor quiser correr o risco de olhar esses retratos, vamos “desenhá-los” em um exercício de alteridade, uma tentativa de apreensão do outro em sua dignidade, nos seus direitos e, sobretudo, na sua diferença (GEERTZ, 2001, p. 68-85). Eis aí a primeira pose.

As trabalhadoras sexuais do município de Coxim vivem em situação de pobreza. Moram em quartos pequenos, próximos ao local de trabalho ou nas dependências do bar onde fazem ponto durante as noites; os depoimentos e as impressões que tivemos mostram que a situação sócio-econômica é de vulnerabilidade, porque elas dependem da sazonalidade das festas, no período de pesca. Para essas profissionais a alta temporada dura poucos meses, geralmente de setembro a dezembro, o restante do ano ficam a espera de alguns poucos turistas ou dos homens que moram/trabalham na zona rural, chamados por elas de “pantaneiros”. Nos depoimentos, se queixam do pequeno número de turistas-clientes, apontam o assoreamento do rio, a falta de peixes e a concorrência dos bares e lanchonetes da Avenida Virgínia Ferreira,⁴ como fatores do esvaziamento da Rua da Ponte.

A maioria das entrevistadas ocupou cargos do serviço doméstico, ou ainda lavam, passam roupa, ou fazem faxina em domicílios do município de Coxim, geralmente são migrantes de outros municípios da região ou de outros estados da federação; segundo os depoimentos essas mulheres estão no mercado do sexo por necessidade financeira ou para o sustento financeiro e sua permanência se dá em primeiro lugar por falta de alternativas no mercado de trabalho.

Pode-se concluir que não há protagonismo nessa opção pelo mercado do sexo, mas geralmente mulheres jovens são “empurradas” pela sua história de vida, quase sempre ligada a dificuldades financeiras, famílias em estado de vulnerabilidade social, violências ou a cultura erotizada pelas mídias, também é fácil perceber que depois da entrada na prostituição ocorre uma acomodação social, ou seja, as mulheres não efetivam ações práticas para “sair da vida”, mesmo que não

⁴ A Avenida Virgínia Ferreira é a principal avenida da cidade e tem uma agitada vida noturna, com a presença de jovens que se prostituem.

declarem abertamente que não desejam sair, fazendo o discurso de que “estão prostitutas” até encontrarem uma condição de deixar esse trabalho. Nenhuma das entrevistadas afirmou contribuir com o INSS, não têm conhecimento das políticas públicas para a categoria. Esses dados relativos ao município de Coxim têm consonância com o Relatório Nacional PESTRAF. (LEAL & LEAL, 2002).

Para as entrevistadas a família é uma instituição importante para o equilíbrio e a felicidade pessoal, geralmente são filhas que não têm um diálogo aberto com os pais sobre o seu trabalho. A prostituição fica quase sempre entrecoberta e o estigma da profissão é sentido de forma exacerbada quando se trata da relação com o progenitor ou com os filhos.

Quanto ao casamento, às trabalhadoras sexuais mostraram descrença; quase todas as entrevistadas passaram pela experiência de “viver junto”, mas, as vicissitudes da vida a dois que elas tiveram de enfrentar são apontadas como um empecilho para que se deseje o casamento como opção de vida. Preferem a liberdade do corpo rebelde às prisões sociais do casamento, a exemplo da sociedade pós-moderna baumaniana “querem comer o bolo e ao mesmo tempo conservá-lo; desfrutar das delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos; forçar uma relação a permitir sem desautorizar, possibilitar sem invalidar, satisfazer, sem oprimir...” (BAUMAN, 2005, p. 09).

Mas, isso não quer dizer que não casem, na verdade, elas têm seus amores, algumas vezes se envolvem em relações pessoais-amorosas com clientes e sempre têm uma estória para contar sobre uma colega que casou, mas relatam que os casamentos quase nunca dão certo. Por isso, é recorrente nos depoimentos a idéia de que o maior inimigo de uma trabalhadora sexual é o seu coração e por isso evitam envolvimento pessoal, adotando o princípio do “profissionalismo”, ou seja, prostituta boa faz sexo por dinheiro e não por amor.

Através dos discursos é possível perceber o sentimento de poder e domínio que as trabalhadoras sexuais acreditam exercerem sobre os homens, que para tê-las, devem pagar o preço pré-estabelecido. Esse “poder” é convertido em prêmio e recompensa diante do sentimento de submissão que está intrínseco nessa relação cliente-dinheiro-prostituta-prazer. Essas mulheres dão sentido e valor à sua conduta se colocando na condição de sujeitos sociais ativos assumindo os deveres e prazeres, imaginando ter o domínio da situação avaliam os riscos e se dispõem a corrê-los pelo prazer do “corpo rebelde” ou para ganhar dinheiro. (FOUCAULT, 1984. p. 171). Uma das entrevistadas afirmou: “Aqui eu sou espontânea, eu faço o que me dá na vontade, sento com quem me dá vontade, se eu resolver hoje, amanhã ir com uma pessoa para um motel ou pra qualquer lugar que seja, eu vou por livre e espontânea vontade, não sou pressionada...”

Nesse sentido as prostitutas têm um discurso que subverte o casamento, responsabiliza os maridos e, portanto, o homem pelo fracasso nas relações matrimoniais, e acusam a dupla jornada de trabalho da mulher como uma das principais causas do stress feminino e crise no casamento. Concorda com esse discurso a postura individualista dos muitos homens e mulheres destes tempos hodiernos representados por Bertrand Russel, quando afirmou: “O casamento é para as mulheres a forma mais comum de se manterem, e a quantidade de relações sexuais indesejadas que as mulheres têm de suportar é, provavelmente, maior no casamento do que na prostituição.” (RUSSEL, 1955, p. 107).

Os depoimentos revelam os momentos em que as mulheres estigmatizadas pela prostituição e aquelas consideradas normais interagem nos locais públicos da cidade de Coxim: as dificuldades que uma prostituta pode ter para frequentar espaços como uma loja de departamentos, o salão de cabeleireiro, uma lanchonete bem conceituada ou outro espaço comum pode ser maior do que se imagina e revelam preconceitos bem disfarçados, intolerância social, abuso

de poder, seja no olhar de desprezo ou até nas agressões verbais contra as prostitutas, mas, ao mesmo tempo mostra nas reações das trabalhadoras sexuais, a luta pelo estabelecimento de uma relação menos assimétrica com aquelas que a sociedade considera “mulheres de bem”.

Nas relações sociais internas ao universo do mercado do sexo em Coxim as entrevistas revelaram um ambiente tenso entre as prostitutas da Rua da Ponte e mulheres não profissionais que fazem eventuais programas sexuais, principalmente nos ranchos de turistas, segundo as entrevistadas, apenas por luxúria. É interessante notar que as profissionais da Rua da Ponte se dizem preparadas, acompanhadas por médicos e assistentes sociais para praticar sexo seguro em contraposição às prostitutas eventuais que segundo as entrevistadas aceitam manter relações sexuais sem camisinha, com o uso exagerado de drogas, sem nenhum profissionalismo. Nos depoimentos elas afirmam que esta prática das garotas não profissionais é a pior prostituição, a menos segura e menos responsável. Para Goffman (1982) esse discurso é uma tentativa de atribuir o estigma a pessoas ou grupos que, sugere-se estão ocupando estratos abaixo, daqueles que discursam e uma tentativa de fugir da condição de estigmatizado. Segundo Goffman,

O indivíduo estigmatizado tem uma tendência a estratificar seus “pares” conforme o grau de visibilidade e imposição de seus estigmas. Ele pode, então, tomar em relação àqueles que são mais evidentemente estigmatizados do que ele as atitudes que os normais tomam em relação a ele. Assim, as pessoas que têm dificuldades auditivas não se vêem absolutamente como pessoas surdas, e as que têm deficiência de visão não se consideram, de maneira alguma, cegas. E em sua associação com, ou separação de seus companheiros mais visivelmente estigmatizados, que a oscilação da identificação do indivíduo é mais fortemente marcada. (GOFFMAN, 1982. p.77).

Essas representações sobre a prática da prostituição em Coxim caracterizam também a tentativa de fuga do estigma que marca a figura da prostituta e a fraqueza da organização do grupo de

mulheres que estão em situação de prostituição na Rua da Ponte em Coxim, ou seja, elas expressam a idéia de “que não são prostitutas” e “estão prostitutas” seja, por necessidade financeira, ou para sustentar os filhos, ou para comprar uma casa, ou para cuidar de um pai ou mãe doente, ou até o momento em que puder arrumar um emprego, na percepção que tivemos elas parecem construir um discurso de que logo vão deixar “essa vida”, mesmo sabendo que estão mentindo, ou que as possibilidades podem ser remotas.

Nos argumentos de uma entrevistada com mais de cinquenta anos de idade, e que está na prostituição em Coxim desde os seus doze anos, exceto os 13 anos que permaneceu casada, se reforça a idéia dessa transitoriedade no mundo da prostituição quando diz que sua irmã está procurando um emprego pra ela - até de empregada doméstica - para deixar de administrar “o bar”, aliás, paupérrimo, onde recebe algumas “amigas” que atendem clientes sexuais ali, segundo ela, somente porque “as meninas precisam mesmo”.

Ela defende que não há emprego e desabafa:

Você vai trabalhar com o que? Você vai roubar, vai mexer com droga, você vai deixar suas contas, vai deixar filho morrer de fome, vai deixar a doença acabar com a sua família, sendo que você tem condições de trabalhar de “outro jeito” pra sustentar... tem que “batalhar” mesmo.⁵

Para essa entrevistada, o estigma de marginalidade é lançado para os ladrões e traficantes, e mesmo reprovando moralmente a prostituição ela é vista como uma atitude quase heróica, um escape à sobrevivência e uma forma “digna” de ganhar a vida. Quando compara a renda da prostituição com outras ocupações pergunta ao entrevistador: “Você vai trabalhar, não dá pra

⁵ Toda as citações contendo as falas das trabalhadoras sexuais foram coletadas através de entrevistas concedida a Marcos Lourenço de Amorim e Francisca Gilliane Alencar Dias nos meses de março e abril de 2009.

sustentar uma família, aluguel, água, luz, comida dentro de casa, não é verdade?” O que deixa transparecer é a idéia de que a renda imediata da prostituição não é desprezível, chegando, segundo as entrevistadas, a se obter rendas semanais de R\$ 150,00 a R\$ 1.000,00, oscilações que existem em função da baixa e alta temporada da pesca e do turismo local e da sazonalidade das festas. “um dinheiro maldito” para uma das entrevistadas, pois, “é hoje e não é amanhã e a gente ainda tem que carregar o preconceito nas costas”. Ela ainda responsabiliza os gastos com roupas, salão de beleza, bebidas, cigarros e remédios como devoradores do dinheiro ganho.

Como se vê apreende-se nos discursos das prostitutas coxinenses, sentimentos de uma pessoa estereotipada por si mesma e pelos outros considerados “normais”, empregam estratégias para lidar com a condição de enjeitadas pela sociedade e projetam em outras formas de prostituição o estigma que pesa sobre elas mesmas. Os depoimentos ainda dão pistas sobre uma luta diária para construir uma identidade fora do estigmatizado mercado do sexo - uma das entrevistadas afirmou que sua maior vergonha é a sua filha de três anos crescer vendo a sua condição de mãe-prostituta, outra profissional disse que nunca admitiu ser prostituta na frente dos seus filhos, outra resistiu assumir essa condição até para dar a entrevista, mesmo assumindo depois que “todo mundo me conhece e eu não escondo isso de ninguém.”

As entrevistas deixam claro que o assoreamento do rio, a diminuição dos peixes provocaram a ausência dos turistas e pescadores e conseqüentemente esses fatores fez decrescer o turista interessado nos serviços sexuais das profissionais da Rua da Ponte, mas ao mesmo tempo reverbera as relações dessas atividades com o turismo local. É unânime o entusiasmo e o cuidado de todas as entrevistadas com relação à alta temporada do turismo e a Festa do Peixe, “quando as ruas se enchem de gente e vem mulher de todo

canto e todo mundo ganha dinheiro”

Como se vê, em Coxim a expectativa das profissionais do sexo da Rua da Ponte se restringe a espera de turistas na alta temporada e uns “poucos pantaneiros” que esporadicamente passam por ali, se embriagando e gastando o dinheiro do mês com essas profissionais, os agenciadores se resumem as donas e donos de bares e boates que oferecem quartos apertados e quase sempre em precárias condições para que essas mulheres se prostituam ali, embora isso não seja admitido por ser ilegal. Uma das entrevistadas quando falou sobre o futuro das suas atividades ali afirmou: “isso aqui vai acabar, eu acho que daqui a um ano essa zona não existe mais”. Quanto às políticas públicas municipais parecem estar satisfeitas com os preservativos que recebem e os antibióticos que o poder público lhes fornece quando estão com infecções.

Como o leitor pôde observar traçamos nestas linhas algumas características do cotidiano das trabalhadoras sexuais em Coxim, a fim de que se conheça melhor essas mulheres que vivem no mercado da prostituição e se procure cada vez mais vê-las e respeitá-las como cidadãs plenas e cresça a consciência de que assim como toda “mulher de bem”, elas amam, choram, se divertem, têm problemas, brigam, enfim, sentem as mesmas emoções e fazem muitas coisas que qualquer mulher faz e sente, independente de ser profissional do sexo ou não.

Finalmente é preciso ponderar que esses “retratos” são um instantâneo do momento em que o sujeito se encontra, mas não por muito tempo; isso nos conduz ao problema que a pós-modernidade de identidades líquidas nos impõe (BAUMAN, 2004) onde os sujeitos se situam de forma muito instável, ou seja, as opiniões das entrevistadas podem ser menos sólidas do que gostaríamos que fossem.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar: 2004.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro, 2005.

DIAS, Francisca Gilliane Alencar. *As prostitutas da Rua da Ponte – entre memórias e esquecimentos: retratos econômicos e sociais da prostituição feminina em Coxim – MS*. Trabalho de Conclusão de Curso. CPCX/UFMS. 2009.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. Revista de História do Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ. TOPOI, Rio de Janeiro, dezembro 2002.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Os usos da diversidade in Nova luz sobre a antropologia*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A.. *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

NOVAES, Joana de Vilhena. *Auto-retrato falado: Construções e desconstruções de si*. Lat. Am. j. fundam. psychopathol. on line. [online]. nov. 2007, vol.4, no.2 [citado 13 Setembro 2009], p.131-147. Disponível na World Wide Web: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-03582007000200002&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1677-0358.

HOBBSAWM, E. & RANGER, T. *A invenção de tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1998.

LEAL, M. L. LEAL. M. F. orgs. *Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual Comercial - PESTRAF: Relatório Nacional – Brasil Brasília : CECRIA, 2002*

RUSSEL, B. *O casamento e a moral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. p. 107.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. *A pesquisa em história*. São Paulo, Ática, 1991.